

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

27 Nov 2015
21:30 Sala Suggia

Pedro Neves *direcção musical*

Georges Bizet

Suite n.º1 de *Carmen* (1875; c.12min.)

1. *Prélude*
2. *Aragonaise*
3. *Intermezzo*
4. *Séguedille*
5. *Les dragons d'Alcala*
6. *Les Toréadors*

Luís de Freitas Branco

Fandango da Suite Alentejana n.º1 (1919; c.8min.)

Joly Braga Santos

Sinfonia n.º 5 (*Virtus Lusitaniae*), op. 39 (1965-66; c.31min.)

1. *Largamente*
2. *Zavala: Moderato*
3. *Largo*
4. *Allegro energico ed appassionato*

Concerto sem intervalo



casa da música



Maestro Pedro Neves sobre
o programa do concerto

<https://vimeo.com/147002424>

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Georges Bizet

PARIS, 25 DE OUTUBRO DE 1838

BOUGIVAL, 3 DE JUNHO DE 1875

Suite n.º 1 de *Carmen*

Composta em 1873-74, com base no romance homónimo do escritor Prosper Mérimée, a ópera *Carmen* de Georges Bizet foi recebida com indiferença e hostilidade pelo público e pela crítica parisiense aquando da sua estreia, a 3 de Março de 1875, na Opéra-Comique de Paris. A ópera decorre em Sevilha, por volta de 1820, e conta a história de amor e ciúme entre uma cigana aventureira, *Carmen*, e um soldado desertor, *Don José*. A crueldade e o realismo do libreto chocou o público da Opéra-Comique que estava habituado assistir a óperas com temáticas mais ligeiras. À medida que a *Carmen* foi sendo levada à cena nos diversos teatros europeus, o público foi apreciando cada vez mais a extraordinária veia melódica e o absolutamente notável domínio da orquestração de Georges Bizet, tornando a obra numa das óperas mais populares de todos os tempos.

A Suite n.º 1, escrita por Ernest Giraud logo após a morte de Bizet, não é mais do que um arranjo para orquestra dos principais temas da *Carmen*. Abre com um curto *Prelúdio* onde o autor cita o tema associado ao encanto da protagonista da ópera, um tema sinistro que pressagia tragédia. Segue-se a *Aragonesa*, uma dança utilizada por Bizet na abertura do 4º e último acto da ópera para criar um ambiente festivo no exterior da Praça de Touros de Sevilha, antes da tourada. No *Intermezzo* que constitui o terceiro número desta suite sobressaem diversas melodias arrebatadoras interpretadas por diferentes instru-

mentos – flauta, clarinete, corne inglês, oboé – e acompanhadas pelos arpejos da harpa. A *Seguidilha* é um arranjo para orquestra da ária do final do 1º acto, onde *Carmen* seduz *Don José* para que ele a liberte da cadeia. *Les dragons d'Alcala* é uma marcha em compasso binário, que na ópera abre o 2º acto, composta para descrever o ambiente da taberna que oscila entre o turbulento, por causa dos contrabandistas e dos toureiros, e o sedutor com a presença de *Carmen* e das amigas *Frasquita* e *Mercedes*. A Suite termina com um *tutti* orquestral a interpretar a canção do toureiro *Escamillo*, *Les Toréadors*, uma canção vibrante a transbordar de *salero* espanhol, que é o tema de abertura da ópera.

A partitura pede uma orquestra formada por flautim, 2 flautas, 2 oboés, corne inglês, 2 clarinetes, 2 fagotes, 4 trompas, 2 trompetes, 3 trombones, tuba, percussão, harpa e cordas.

Luís de Freitas Branco

LISBOA, 12 DE OUTUBRO DE 1890

LISBOA, 27 DE NOVEMBRO DE 1955

Fandango da Suite Alentejana n.º 1

Luís de Freitas Branco devotava uma predileção especial pelo Alentejo, que considerava “a sua terra de eleição”, passando largas temporadas na sua herdade em Reguengos de Monsaraz. A cultura e o folclore daquela região estão, por isso, muito presentes na sua vida e, conseqüentemente, na sua obra. Espelho disso são as duas Suites Alentejanas para orquestra sinfónica escritas em 1919 e 1927, respectivamente, nas quais Freitas Branco utiliza temas do folclore alentejano. Temas que, como refere Nuno Barreiros numas notas de programa para um concerto a 18 de Janeiro de 1986, foram em grande parte “recolhidos ou ouvidos *in loco* pelo próprio compositor”.

O *Fandango* que vamos ouvir esta noite é o terceiro e último andamento da primeira Suite Alentejana. É, provavelmente, o trecho mais conhecido de Luís de Freitas Branco, sendo frequentemente interpretado como peça isolada ou como *encore*. A Suite n.º 1 foi estreada pela Orquestra Sinfónica de Lisboa, a 8 de Fevereiro de 1920, no Teatro Politeama, sob a direcção do pianista e compositor Vianna da Motta, num concerto intitulado “Festival da Música Portuguesa”.

Freitas Branco escreveu para uma formação orquestral constituída por 3 flautas, 2 oboés, corne inglês, 2 clarinetes, clarinete baixo, 2 fagotes, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, tuba, timbales, bombo, pratos, caixa, triângulo, castanholas (4 percussionistas) e harpa, para além das cordas.

De acordo com a *Enciclopédia da Música em Portugal no séc. XX*, o *Fandango* é uma dança de pares, que surge em diversas regiões da Península Ibérica pelo menos desde o séc. XVIII. É uma dança rápida, de métrica binária com subdivisão ternária (6/8), com um padrão rítmico típico. Freitas Branco incorpora todas essas características no andamento final da sua Suite Alentejana n.º 1 ao criar uma peça viva e alegre, onde abundam os jogos de timbres entre os diferentes naipes da orquestra. O padrão rítmico atravessa todo o *Fandango* e é o protagonista da intervenção do violino solo. A abordagem formal tripartida da peça (A-B-A) permite observar um interessante momento de recolhimento e de reflexão na secção central, no qual o timbre nasalado do corne inglês introduz uma belíssima melodia que é repetida pelas trompas antes de dar origem a um coral grandioso interpretado por toda a orquestra. A exuberância e o vigor da secção A regressam para encerrar o *Fandango* com brilhantismo.

Joly Braga Santos

LISBOA, 14 DE MAIO DE 1924

LISBOA, 18 DE JULHO DE 1988

Sinfonia n.º 5 (*Virtus Lusitaniae*), op. 39

A produção sinfónica de Joly Braga Santos engloba um total de seis sinfonias. Nas primeiras quatro, escritas entre 1946 e 1950, o compositor utiliza o “modalismo e os elementos básicos da forma-sonata” (Joly Braga Santos, 1986). Após um interregno de 15 anos, Joly rompe com o modalismo e com as formas clássicas para utilizar uma linguagem totalmente nova na Sinfonia n.º 5. É o próprio compositor quem, em 1986, por ocasião da primeira gravação discográfica da obra, a classifica como “uma obra da vanguarda de então [1966]” e explica o seu princípio construtivo: “A forma afasta-se da sonata ditemática, embora não se verifique o sistema do atematismo, tão caro à maioria dos compositores que partiam de Webern para a conquista de um novo mundo musical.” Esta inovação discursiva acontece na sequência de uma viagem a Roma, entre 1959 e 1961, para estudar composição com Virgilio Mortari, na qual Joly Braga Santos absorve as tendências musicais vanguardistas de então, nomeadamente a exploração do timbre, a dissonância atonal e o livre cromatismo.

Estruturada em quatro andamentos, a quinta obra sinfónica de Joly utiliza os recursos de uma formação orquestral de grandes dimensões, num total de cerca de 100 músicos: 2 flautins, 2 flautas, 3 oboés, corne inglês, 3 clarinetes, clarinete baixo, clarinete contrabaixo, 4 fagotes, 6 trompas, 4 trompetes, 3 trombones, tuba, 2 timbaleiros, uma secção de percussão com mais de 12 percussionistas, 2 harpas e um naipe de cordas com, pelo

menos, 30 violinos, 10 violas, 10 violoncelos e 8 contrabaixos.

O 1º andamento, *Largamente*, contém o “tema gerador – caracterizado pela assimetria e largos intervalos – em que baseio toda a obra”, explica o compositor em 1986. São as violas, depois de uma curta introdução orquestral, as encarregues de apresentar o “tema gerador”: uma melodia de figuras rítmicas longas que começa com um intervalo de 9ª menor ascendente, “logo desenvolvido e variado livremente” durante o andamento. “*Desenvolvimento e variação* fundem-se assim, procurando oferecer fortes elementos de contraste”, esclarece Joly. O resultado sonoro é assombroso, porquanto todo o andamento decorre numa alternância entre uma compacta massa sonora do *tutti* orquestral e a sobreposição de várias linhas melódicas. Quase a terminar, o tema cíclico regressa pela mão de uma viola solista, numa espécie de reexposição tardia.

Zavala é o nome de um distrito da província de Inhambane, na região Sul de Moçambique, que Joly Braga Santos visitou em 1965. O fascínio das “dezenas e dezenas de marimbas, afinadas em várias tonalidades que se sobrepõem, com diversas escalas, algumas delas de uma constituição intervalar muito original, completamente estranha a tudo o que se conhece da música europeia” levou o compositor a recriar esse ambiente evocando a “tradição secular” dos marimbeiros daquele distrito moçambicano no 2º andamento da sinfonia. Joly substituiu as marimbas por 2 vibrafones, 1 celesta, 1 piano e 2 harpas, atribuiu escalas e ritmos diferentes a cada instrumento, e sobrepô-los, obtendo um *ostinato* de rara beleza tímbrica e rítmica, sobre o qual as madeiras interpretam lindas frases melódicas.

O terceiro andamento, *Largo*, é “o andamento dramático da sinfonia”, de acordo com

o compositor. “Espaços, linhas e volumes sucedem-se e cruzam-se; agregados harmónicos e tímbricos procuram sobretudo a cor peculiar à obra; desenvolvimento e variação expandem-se num ‘conflito’ correspondente à clássica oposição temática”, descreve Joly em 1986.

A obra termina com um *Allegro energetico ed appassionato*. São os timbales quem dão o mote com um *ostinato* rítmico em 7/8 marcado por apontamentos de vários instrumentos de percussão. Eis senão quando, surgem as seis trompas a tocar em uníssono o tema cíclico da sinfonia. “Segue-se uma série de variações tímbricas, rítmicas e melódicas” protagonizadas pelos diferentes naipes da orquestra. Perto do final do andamento, Joly introduz uma secção mais lenta – *Largamente, ma rubato* – na qual os violinos desenham longas frases melódicas. O lirismo das cordas dá lugar a um progressivo crescendo do *tutti* orquestral que vem a desembocar numa fortíssima explosão sonora, concretizada musicalmente por um acorde consonante, o acorde de Mi maior, que conclui a sinfonia “de forma apoteótica”.

A Sinfonia n.º 5 foi encomendada pelo Estado português para assinalar os 40 anos da Revolução Nacional do 28 de Maio, motivo pelo qual ostenta o subtítulo *Virtus Lusitaniae* – Virtude da Lusitânia. Foi o próprio compositor quem a estreou, dirigindo a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, no Teatro de S. Carlos, a 2 de Dezembro de 1966. Três anos mais tarde, em 1969, foi distinguida com o prémio da Tribuna Internacional de Compositores da UNESCO.

ANA MARIA LIBERAL

Pedro Neves *direcção musical*

Pedro Neves é Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho e assumiu recentemente o cargo de Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian. É doutorando na Universidade de Évora, tendo como objecto de estudo as seis sinfonias de Joly Braga Santos.

Foi maestro titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e é convidado regularmente para dirigir a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Filarmonia das Beiras, Orquestra da Cidade de Joensuu (Finlândia) e Orquestra Sinfónica de Porto Alegre (Brasil). Em 2012 colaborou pela primeira vez com a Companhia Nacional de Bailado, dirigindo a *A Bela Adormecida* de Tchaikovski.

No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble – com o qual estreou obras de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões na Coreia do Sul e no Japão –, com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e com o Remix Ensemble Casa da Música.

É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação de repertório para orquestra de cordas e que tem sido recebido de forma elogiosa pelo público e pela crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os estudos musicais na sua terra natal, estudando violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respectivamente no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No

que diz respeito à direcção de orquestra estudou com Jean-Marc Burfin, obtendo a licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra. Estudou ainda com Emílio Pomarico em Milão e com Michael Zilm, do qual foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpčeski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris, Alban Gerhardt, Pierre-Laurent Aimard ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além

da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados, bem como a diversas acções educativas, incluindo o projecto “A Orquestra vai à escola”, workshops de composição para jovens compositores e a masterclasses de direcção com o maestro Jorma Panula.

A interpretação da integral das sinfonias de Mahler marcou as temporadas de 2010 e 2011. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha e Maria João com David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

David Stewart*
 Vadim Feldblioum
 José Despujols
 Roumiana Badeva
 Tünde Hadadi
 Emília Vanguelova
 Evandra Gonçalves
 Andras Burai
 Ianina Khmelik
 Alan Guimarães
 Ana Madalena Ribeiro*
 Jorman Hernandez*
 Diogo Coelho*
 Pedro Carvalho*
 Agostinha Jacinto*
 Sara Veloso*

Violino II

Tatiana Afanasieva
 José Paulo Jesus
 Mariana Costa
 Pedro Rocha
 Paul Almond
 Francisco Pereira de
 Sousa
 Lilit Davtayan
 Vítor Teixeira
 Germano Santos
 José Sentieiro
 Nikola Vasiljev
 Domingos Lopes
 Flávia Marques*
 Clara Badia Campos*

Viola

Pedro Muñoz*
 Anna Gonera
 Biliana Chamlieva
 Rute Azevedo
 Luís Norberto Silva
 Francisco Moreira
 Hazel Veitch
 Theo Ellegiers
 Jean Loup Lecomte
 Mateusz Stasto

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
 Sharon Kinder
 Gisela Neves
 Bruno Cardoso
 Michal Kiska
 Aaron Choi
 Hrant Yeranosyan
 Américo Martins*
 Ricardo Januário*
 Vasco Alves*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
 Nadia Choi
 Altino Carvalho
 Joel Azevedo
 Slawomir Marzec
 João Fernandes*
 Domingos Ribeiro*
 Joana Lopes*

Flauta

Paulo Barros
 Ana Maria Ribeiro
 Angelina Rodrigues
 Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
 Tamás Bartók
 Eldevina Materula
 Roberto Henriques*

Clarinete

Luís Silva
 Carlos Alves
 António Rosa
 João Moreira*
 Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
 Vasily Suprunov
 Robert Glassburner
 Pedro Silva

Trompa

Bohdan Sebestik
 Hugo Carneiro
 José Bernardo Silva
 Eddy Tauber
 André Maximino*
 Jaime Resende*

Trompete

Sérgio Pacheco
 Luís Granjo
 Ivan Crespo
 Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
 Severo Martinez
 Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé
 Bruno Costa

Percussão

Paulo Oliveira
 Nuno Simões
 André Dias*
 Sandro Andrade*
 Pedro Góis*
 João Tiago Dias*
 Marcelo Pinho*
 João Moreira*
 Luís Santiago*

Harpa

Ilaria Vivan
 Ana Paula Miranda*

Piano

Luís Filipe Sá*

Celesta

Raquel Cunha*

*instrumentistas
 convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AXA PORTUGAL, COMPANHIA DE SEGUROS, S. A.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO GARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

GRUPO SOARES DA COSTA, SGPS, S. A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANGO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PORTO EDITORA, S.A.

PORTUGAL TELECOM, SGPS, S. A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

CIN S. A.

CREATE IT

DELOITTE

EUREST

GRUPO DOURAOAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

I2S

PATHENA

RAR

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

VORTAL

PATRONO MAESTRO TITULAR REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

SONAE SIERRA

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

mas PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA
OPORTUNIDADE CULTURAL

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

